

Pedro Henrique
Lopes, um
'monstro' do teatro

PÁGINA 6



Começa o
prestigiado Festival
de San Sebastián

PÁGINAS 10 A 13



Banoffe, a banana
numa explosão
de sabores

PÁGINA 15



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Divulgação



Um sábado verde e amarelo na Cidade do Rock

Programação inédita reúne artistas nacionais de vários gêneros em apresentações dos mais variados ritmos de nossa música



Rock in Rio 2024 segue neste segundo e último fim de semana, mas uma grande expectativa cerca a tarde/noite deste sábado (21), um dia dedicado exclusivamente a artistas nacionais e em sintonia com a diversidade de ritmos e gêneros que temos na música brasileira. A iniciativa é inédita nesses 40 anos de festival e seus números são grandiosos. Os palcos Mundo, Sunset, New Order, Global Village, Espaço Favela e Supernova vão receber artistas do pop nacional, MPB, bossa nova, samba, música de concerto, rap, trap e sertanejo.

Ao todo, serão mais de 90 atrações espalhadas por esses palcos. Os shows vão acontecer de forma simultânea. Cada palco vai mostrar suas atrações ao mesmo tempo e os artistas convidados apresentarão de três a quatro músicas durante shows agrupados por temas que terão duração aproximada de entre uma hora e meia e duas horas.

VP artístico e curador do festival, o cantor, compositor e produtor Zé Ricardo vê o Dia Brasil com muita expectativa. "Como artista, é um orgulho enorme fazer parte de um festival que coloca nossa música no centro das atenções do mundo". **Continua nas páginas seguintes**

O que rola na **Cidade do Rock**

Confira a programação completa do festival neste fim de semana



Ivete Sangalo

Ricardo Borges/Folhapress

SEXTA, 20/SET

Palco Mundo

- *16h40 – Ivete Sangalo
- *19h – Cyndi Lauper
- *21h20 – Karol G
- *0h – Katy Perry

Palco Sunset

- *15h30 – Luedji Luna convida Tássia Reis e Xênia França
- *17h50 – Tyla
- *20h10 – Gloria Gaynor
- *22h45 – Iza

Palco New Dance

Order

- *22h – Samhara
- *23h30 – Ashibah
- *1h – Curol x Barja
- *2h30 – Alison Wonderland

Palco Espaço Favela

- *16h30 – Brisa Flow
- *19h – Mc Dricka
- *21h – Pocah

Palco Global Village

- *15h30 – Juliana Linhares
- *17h30 – Carminho
- *19h15 – Angélique Kidjo

Palco Supernova

- *15h – Nina Fernandes
- *17h – Darumas
- *18h30 – N.I.N.A
- *20h30 – Cynthia Luz



Shawn Mendes

SÁBADO, 21/SET

Palco Mundo

- *15h30 – Para sempre Trap, com Cabelinho, Filipe Ret, Kayblack, Matuê, Orochi, Ryan SP, Veigh
- *18h30 – Para sempre MPB, com Baianasystem, Carlinhos Brown, Daniela Mercury, Majur, Margareth Menezes, Ney Matogrosso e Gaby Amarantos
- *21h10 – Para sempre Sertanejo, com Chitãozinho e Xororó, Orquestra Heliópolis, Ana Castela, Júnior, Luan Santana

e Simone Mendes

- *0h10 – Para sempre Rock, com Capital Inicial, Detonautas, NX Zero, Pitty, Rogério Flausino, Toni Garrido

Palco Sunset

- *16h55 – Para sempre Rap, com Criolo, Djonga, Karol Conká, Marcelo D2, Rael
- *19h45 – Para sempre Samba, com Zeca Pagodinho, Alcione, Diogo Nogueira, Jorge Aragão, Maria Rita e Xande de Pilares
- *22h35 – Para sempre Pop, com Duda

Beat, Gloria Groove, Jão, Ludmilla, Luísa Sonza, Lulu Santos

Palco New Dance Order

- *22h – Para sempre Eletrônica, com Mochakk, Beltran X Classmatic, Eli Iwasa X Ratier, Maz X Antdot

Palco Espaço Favela

- *15h – Para sempre favela é Terra Indígena, com Kaê Guajajara convida Totonete e o grupo Dance Maré
- *17h – Para sempre Música Clássica,

Leo Aversa/Divulgação



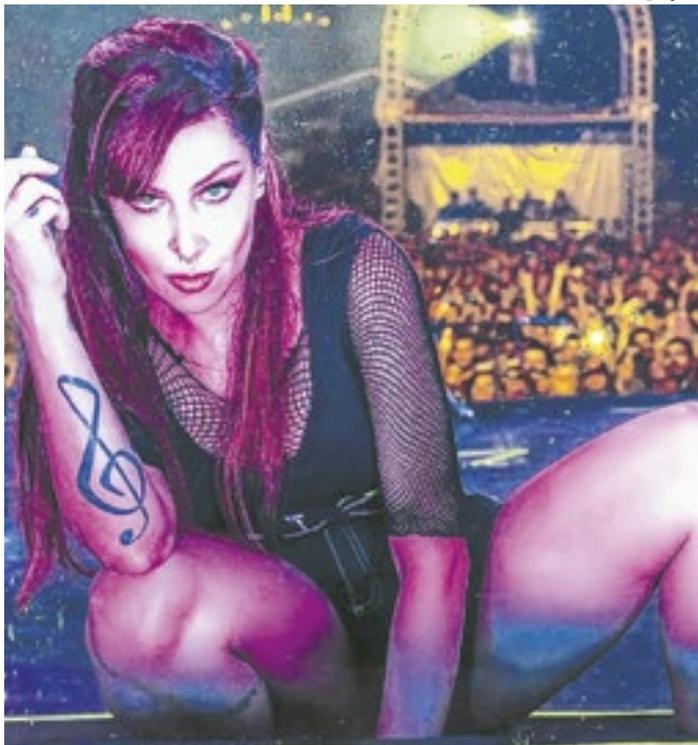
Capital Inicial

Divulgação



Gloria Gaynor

Divulgação



Pitty

Divulgação



Cindy Lauper

com Nathan Amaral, Orquestra Sinfônica Brasileira Jovem

- *18h40 – Para sempre Baile de Favela, com Buchecha, Cidinho e Doca, Funk Orquestra, MC Carol, MC Kevin o Chris, Tati Quebra Barraco
- *20h40 – Para sempre Funk, com Livinho, Mc Don Juan, MC Dricka, MC Hariel, MC IG, MC PH

Palco Global Village

- *15h – Para sempre Jazz, com Antônio Adolfo, Joabe Reis, Joantahn Ferr e Leo Gandelman

- *17h – Para sempre Soul, com banda Black Rio, Cláudio Zoli, Hyldon
- *18h40 – Para sempre Bossa Nova, com Bossacucanova e Cris Delanno, Leila Pinheiro, Roberto Menescal, Wanda Sá
- *20h40 – Para Sempre Futuro Ancestral, com Gang do Eletro e Suraras do Tapajós

Palco Supernova

- *14h30 – Autoramas
- *16h – Vanguard
- *18h – Chico Chico
- *20h – Jean Tassy

DOMINGO, 22/SET

Palco Mundo

- *16h40 – Luísa Sonza
- *19h – Ne-Yo
- *21h20 – Akon
- *0h – Shawn Mendes

Palco Sunset

- *15h30 – Homenagem a Alcione com Orquestra Sinfônica Brasileira, Diogo Nogueira, Mart'nália, Majur, Pérciles, Maria Rita e Alcione
- *17h50 – Olodumbaiana

- *20h10 – Ney Matogrosso
- *22h45 – Mariah Carey

Palco New Dance Order

- *22h – Dubdogz
- *23h30 – Jetlag
- *1h – Bhaskar
- *2h30 – Kaskade

Palco Espaço Favela

- *16h – Luiz Otávio
- *19h – Livinho
- *21h – Belo

Palco Global Village

- *15h30 – Lia de Itamaracá
- *17h30 – Almério e Martins
- *19h15 – Angélique Kidjo

Palco Supernova

- *15h – LZ da França
- *17h – Gabriel Froede
- *18h30 – Zaynara
- *20h30 – DJ Topo

TRANSMISSÃO

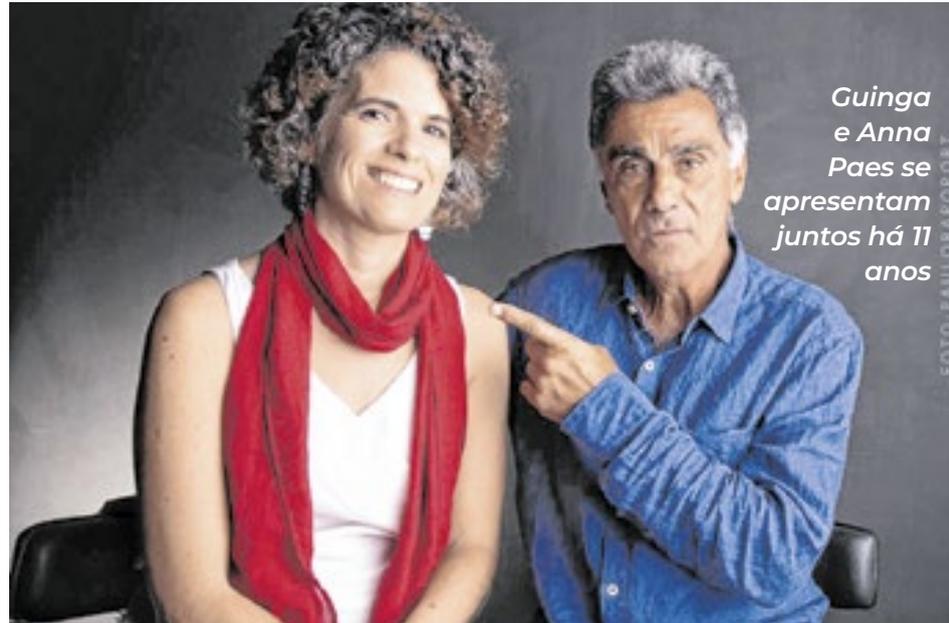
- *Os shows terão transmissão pela TV aberta, streaming ou TV por assinatura.
- *O Globoplay vai ter transmissão aberta dos quatro palcos do evento, mas assinantes Globoplay + canais terão acesso aos shows dos palcos Mundo e Sunset em 4K.
- *No Multishow, o público pode assistir às apresentações dos palcos Mundo e Sunset a partir das 15h15.
- *Já no Canal BIS terá a transmissão dos shows dos palcos Espaço Favela e New Dance Order às 18h45.
- *A TV Globo exibirá compactos das apresentações

Um mestre da canção e sua pupila

Guinga e Anna Paes mostram as canções de 'Julieta no Convés', álbum que celebra um feliz encontro musical

Por **Afonso Nunes**

O violonista e compositor Guinga e a cantora, compositora Anna Paes sobem ao palco do Teatro Rival Petrobras neste sábado (21) para o lançamento do álbum "Julieta no Convés", nome da música feita pelos dois. Anna é uma especialista na obra de Guinga, um dos grandes violonistas e autores da nossa música popular. Os dois se conheceram num sarau



Paulo Rapoport/Divulgação

Guinga e Anna Paes se apresentam juntos há 11 anos

FOTO: PAULO RAPOPORT

há 11 anos e se apresentam juntos em concertos desde então.

Além da música que dá título ao álbum,

Guinga e Anna Paes vão mostrar outras do novo trabalho, como "Tia Damiana" (Guinga e Thiago Amud) e "Lundu da Saudade"

(Guinga e Afonso Machado). Mas outras canções mais antigas também estão no roteiro do show de voz e violão, a exemplo de "Neblina e flâmulas" (Guinga e Aldir Blanc) e "Senhorinha" (Guinga e Paulo César Pinheiro).

Este é o segundo álbum de Anna Paes dedicado à obra do músico. Em 2022, ela gravou "Você Você - Anna Paes Canta Guinga". "Neste trabalho que era uma celebração à obra do Guinga eu aparecia como artista principal embora ele tocasse em todas as faixas. Agora, ele divide os créditos principais comigo e mostramos algumas parcerias nossas junto com canções do Guinga com outros sete parceiros. E graças ao apoio de um edital do governo de São Paulo, conseguimos participações importantes do Zé Miguel Wisnik, Naylor Proveta e Cristóvão Bastos que ampliam a sonoridade do trabalho além do formato voz e violão, revelando uma maturidade nessa nossa relação artística com o Guinga", destaca Anna.

SERVIÇO

GUINGA E ANNA PAES - JULIETA NO CONVÉS

Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia)

21/9, às 19h30

Ingressos entre R\$ 50 e R\$ 120

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Divulgação



Salve Jorge!

Um dos discos mais festejados da música brasileira, "A Tábua de Esmeralda", de Jorge Benjor, completa 50 anos neste 2024 e ganha uma comemoração especial com os Los Sebosos Postizos nesta sexta-feira (20). O evento, produzido em parceria com a Mangolab, tem abertura do grupo Tudo Nosso, que recebem Amun Há, Anna Suav, Ciel, Jadsa, Jennifer G, MC Super Shock, Naíme, Núbia e Vanessa Melo.

Divulgação



Salve Jorge! II

O Samba Independente dos Bons Costumes, conhecido também como SIBC, leva sua famosa roda de samba ao Teatro Rival Petrobras nesta sexta-feira (20), às 19h30, com o show "SIBC canta Jorge Aragão", homenageando o artista com um repertório recheado de sucessos, como "Malandro", "Coisa de Pele", "Enredo do Meu samba", "Do Fundo do Nosso Quintal", "Coisinha do Pai" e "Identidade", entre outras.

Divulgação



Temas do maestro

Temas e arranjos instrumentais de autoria do Maestro Jaime Alem fazem parte do repertório do show "Misturei Mandei", que será apresentado no Blue Note Rio nesta sexta-feira (20), às 22h30. Misturas de variedades rítmicas regionais e urbanas serão executadas por Jaime, além de homenagens a grandes mestres como Edu Lobo, Hermeto Pascoal, A. C. Jobim, Egberto Gismonti e João Pernambuco.

Divulgação



Rock na Serra

A programação desta semana do Soberano, em Itaipava, está bem ao gosto dos amantes do rock e poprock. Na sexta-feira (20), o grupo Segredo de Estado apresenta clássicos do rock dos anos 70, 80 e 90. No sábado (21), será a vez da Black Monkees, liderada pelo vocalista, guitarrista e performer Jonas Miller (foto), figura conhecida na Beatle Week, que acontece anualmente em Liverpool, na Inglaterra.



dos *brasis*

arte e pensamento negro

MAIS DE 420 MIL PESSOAS
JÁ ASSISTIRAM.

Uma exposição com
**384 obras de 241 artistas
negros** do fim do século XVIII
até o século XXI de todos
os estados do Brasil.

Visite até 27 de outubro

De terça a domingo, das 10h às 17h.
Centro Cultural Sesc Quitandinha
(CCSQ), Petrópolis - RJ

Entrada gratuita

Confira a programação completa:
ccsq.org.br



Junior Mandriola/Divulgação



Helga Nemetik e Pedro Henrique Lopes em 'Detalhes de Nós Dois'

O teatro por todas as veias

Dramaturgo, ator, diretor e produtor, Pedro Henrique Lopes vive intensamente as artes cênicas

Por Cláudia Chaves
Especial para o Correio da Manhã

O trabalho com o teatro, algumas vezes, nos faz encontrar verdadeiros, como se diz na gíria, “monstros” de teatro. Há 10 anos, saindo de um peça esbarrei com um jovem de risada franca, amoroso, que tinha acabado de apresentar um espetáculo completamente diferente do que as pessoas consideram o teatro “certo” (como se isso existisse). “Meu Sangue Ferve Por Você” usava música brega, sentimentos cotidianos considerados. “cafona”, trama juvenil mas que impacta pessoas de qualquer idade.

Assim, conheci Pedro Henrique Lopes e comeci a acompanhar seu trabalho com lupa.

Corajoso em experimentar, natural de São Gonçalo e morador da Tijuca, Pedro iniciou sua carreira artística aos 14 anos e, desde então, construiu uma trajetória sólida e diversificada. Formado em Artes Cênicas pela Uni-Rio e Mestre em Comportamento do Consumidor pela FGV, ele está sempre envolvido em múltiplos projetos simultaneamente. Pedro saca com acuidade o que diferentes platéias querem, com isso seus projetos são centrados em nossa brasilidade mais raiz ao mesmo tempo que trata de sentimentos universais.

A sua versatilidade é de uma riqueza porque pode fazer musicais que falam de amor como o atual “Detalhes de Nós Dois” e ser o único, o único autor que está explorando a dor e a covardia causadas pelas torturas da ditadura e pelos ataques às populações de baixa renda, com foco nas mulheres e nas mães pretas. Em “O Que Sobrou” acompanha Dora, a jovem paulistana, que se suicida no Chile. Em “A Cena(não) Muda” conta casos emblemáticos de assassinatos de mulheres pretas e o desespero infundo de suas mães.

Só essa dramaturgia, com os casos reais que demonstram a infinita injustiça do Brasil, já seria suficiente para fazê-lo um dos grandes talentos teatrais deste século 21. Mas Pedro vai além no seu amor pelo Brasil. A série “Grandes Músicos para Pequenos”, criada em parceria com o diretor Diego Moraes, completa 11 anos em 2024,

homenageando grandes nomes da música popular brasileira ao apresentar suas trajetórias de maneira lúdica para o público infantil. Desde sua estreia com “Luiz e Nazinha – Luiz Gonzaga para Crianças”, a série já levou mais de 300 mil espectadores ao teatro e recebeu mais de 60 indicações em prêmios teatrais, consolidando seu papel na valorização da cultura brasileira.

Atualmente, Pedro faz parte de nove produções teatrais em todo Brasil. Entre elas, a comédia romântica “Detalhes de Nós Dois” na qual atua e assina o texto; o espetáculo musical infantil “Detetives do Prédio Azul 2 - Um Mistério Musical em MagoWood”, que está em circulação nacional; e o já citado “Luiz e Nazinha – Luiz Gonzaga para Crianças”.

Além disso, ele também participa de outros trabalhos como o documentário cênico “A Cena

(Não) Muda”, o monólogo “Gênero: Livre” e os espetáculos infantis “Luccas e Gi em Um Mundo de Magia e Fantasia”, “Galinha Pintadinha: em Busca do Natal”, e “A Menina do Meio do Mundo - Elza Soares para Crianças”, todos em circulação ainda neste ano.

Sobre sua diversidade de projetos, Pedro explica que transitar entre diferentes temas e públicos é parte essencial do seu processo criativo. “As pessoas se confundem quando me veem escrevendo para crianças e, logo em seguida, assinando um espetáculo sobre a ditadura. Para mim, a escrita é uma forma de viajar por universos distintos e dar voz a diferentes histórias. O bom de ser autor é poder colocar no papel tudo aquilo que existe dentro da nossa imaginação”, afirma.

“Quando começamos esse projeto, nosso foco era criar espetáculos que dialogassem com todas as idades e que, ao mesmo tempo, valorizassem a cultura do Brasil”, comenta Pedro. Ele também destaca a importância de respeitar o entendimento do público infantil, afirmando que o processo de comunicação com as crianças é muito mais complexo do que se imagina. “As crianças estão descobrindo o mundo, e seus questionamentos são muito mais amplos do que aparentam. Elas merecem espetáculos que dialoguem com essa percepção mais profunda”, conclui.

Pedro andou pela Disney, novelas, é curador da melhor programação infantil no Teatro Ri-Happy no Jardim Botânico, fala da dor, do amor, das canções, dos horrores da injustiças, mas sempre ostentando o sorriso do menino que fez traquinagem e deu certo. Segue Pedro, vai ser dramaturgo na vida.

SERVIÇO

DETALHES DE NÓS DOIS

Teatro Clara Nunes

(Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52 - 3º piso)

Até 22/9, sexta e sábado (20h) e domingo (19h)

Ingressos: R\$ 130 e R\$ 65 (meia)

No balanço das ondas, eu vou

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Diferentemente daquilo que chamamos de vida real, o teatro e as narrativas audiovisuais podem desenvolver passeios mantendo o sentido da história por vários espaços, mesmo que não haja cenário, e por vários tempos, mesmo que não haja troca de figurino, ou envelhecimento ou rejuvenescimento de personagens.

“A Barca” faz algo muito semelhante ao filme “A Corda”, de Alfred Hitchcock, um longa sem edição cujo tempo de duração é exatamente o tempo de sua ação. Esse procedimento já transforma a peça em arte de narrar. O texto de Álvaro Campos conta uma história aparente-

CRÍTICA / TEATRO / A BARCA

Divulgação



No meio da baía que separa Rio e Niterói, Ivo (André Ramiro) e Douglas (Paulo Giannini) se aproximam em ‘A Barca’

mente muito simples.

A ação se passa dentro de uma barca Rio-Niterói, com um procedimento dramaturgicamente interessante: se anuncia um defeito na barca para que a ação possa durar mais tempo no encontro nada casual entre dois

amigos de infância, mas cujo desfecho nas vidas adultas é totalmente oposto.

A direção de Luiz Antônio Pilar, experimentado diretor de audiovisual, é um plano sequência, aquela ação sem cortes. Pilar ilumina o texto mostrando as contradições dos dois personagens com a diferença de figurino, de voz, de inflexão. Ivo, o personagem de André Ramiro, mostra o fracasso do sucesso e Douglas, o personagem de Paulo Giannini, mostra o sucesso do fracasso.

A interpretação de Ramiro é contida, séria, amarga, que quer esconder o seu fracasso profissional. Já o trabalho Paulo Giannini é uma explosão de alegria, de força, que é a sua capacidade de conviver com a vida que prometeu e não entregou.

O embate entre os dois é contínuo, até que, ao final, a cena mostra o retorno ao tempo perdido de forma esufizante. “A Barca” prova que, ao mesmo tempo, se pode aprender com grandes histórias e mostrar dramas intensos em narrativas concisas.

SERVIÇO

A BARCA

Teatro Correios Léa Garcia (Centro Cultural Correios - Rua Visconde de Itaboraí, 20 - Centro)

Até 5/10, de quinta-feira a sábado (19h)

Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

Nove personalidades

Será que as comunidades médica e teatral são capazes de se unir para chegar a um diagnóstico? Este é o convite feito aos espectadores do espetáculo “9”, peça do coletivo Delicadas Criaturas em cartaz no Auditório do Instituto de Psiquiatria da UFRJ, em Botafogo, de sexta a domingo, às 19h. Dirigida por Demetrio Nicolau, a dramaturgia de Demetrio e Nara Keiserman acompanha uma ex-atriz de 85 anos com múltiplas personalidades que personagens a partir de textos de Brecht, Molière, Shakespeare, Sófocles e outros.

Renato Mangolin/Divulgação



Divulgação



Pina Bausch à carioca

A Cia de Atores Bailarinos Adolpho Bloch comemora 25 anos e apresenta no Centro Coreográfico da Cidade do Rio de Janeiro “Bar da Esquina”. A programação especial e gratuita acontece neste sábado e domingo (21 e 22), às 19h e 18h, respectivamente. O espetáculo de dança é fundamentado na dramaturgia de Nelson Rodrigues e Carlos Heitor Cony, traduzindo para o cariocês a obra “Café Muller”, da coreógrafa alemã Pina Bausch. A partir da pesquisa, oito atores bailarinos dançam as noites cariocas com encantos, expectativas, traições e desconfortos.

Divulgação



Comédia de erros

“Em nome do Filho”, de Guilherme DelRio, indicada ao Prêmio Papo mix da diversidade 2018, como melhor espetáculo com temática LGBTQIA+, está com sessões aos sábados no Teatro Candido Mendes. É uma comédia de erros, encontros e desencontros. O espetáculo também apresenta performances musicais, cômicas e sensuais. A montagem lembra, em seus melhores momentos, o universo do cineasta Pedro Almodóvar ao falar sobre a diversidade sexual colocando uma luz sobre esse tema tão sem deixar de tocar em pontos importantes desta, tudo de forma divertida e leve.

SHOW**RIOHARP FESTIVAL**

*O harpista venezuelano Jesús Cortéz apresenta clássicos da música latino-americana em versões para seu instrumento. Sex (20), às 13h. Centro Cultural Banco do Brasil RJ (Rua Primeiro de Março, 66). Grátis

CLAUDIO LINS

*O cantor apresenta seu show "Diz a Verdade", que leva o nome do single que marca os 40 anos desde a primeira vez que o artista subiu ao palco, aos 11 anos de idade. Sáb (21), às 20h, no Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

JAZZIN'GRUV

*Jazz/funk/Brasil se encontram em standards e releituras surpreendentes, e com algumas músicas cantadas também. De João Donato a Miles Davis, Michael Jackson a Gonzagão, o trio é composto por Juliano Moreira (guitarra e voz), Marcelo Vig (bateria) e Affonso Velasquez (baixo). Sáb (21), às 20h, no Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de

ÓPERA**LE VILLI**

*A primeira ópera escrita por Giacomo Puccini encerra a programação do II Festival Oficina da Ópera. Teatro Municipal (Praça Floriano, s/nº - Cinelândia). Sex e sáb (20 e 21), às 19h. A partir de R\$ 15

TEATRO**A MENINA ESCORRENDO DOS OLHOS DA MÃE**

*No palco, as atrizes Guida Viana e Sílvia Buarque trocam de geração, mas permanecem no lugar de mãe e filha mostrando erros que se repetem neste relacionamento complexo. Teatro Poeira (Rua São João Batista, 104 - Botafogo). Até 29/9, de qui a sáb (20h) e dom (19h). R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

SHIRLEY VALENTINE

*Susana Vieira vem lotando os teatros de todo o Brasil com um dos mais importantes textos do teatro moderno. Até 22/9, sex e sáb (20h) no Teatro Riachuelo (Rua do Passeio, 38). Entre R\$ 20 e R\$ 150



Shirley Valentine

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Filipe Aguiar/Divulgação TMRJ



Le Villi

DUETOS

*Du Moscovis e Patrícia Travassos dão vida a oito personagens em quatro histórias cômicas escritas pelo inglês Peter Quilter sobre relacionamentos em texto encenado em diversos países. Teatro Multiplan (Av. das Américas, 3.900, piso SS1, Barra da Tijuca). Até 22/9, qui a sáb (20h30) e dom (19h). Entre R\$ 60 a R\$ 280

PANDEMÔNIO

*A peça aborda temas como intolerância e opressão em uma narrativa impactante que se desenrola de trás para frente num futuro distópico nem tão distante de nós. Teatro Poeirinha (Rua São João Batista, 104 - Botafogo). Até 29/9, de qui a sáb (20h) e dom (19h). R\$ 70 e R\$ 35 (meia)

Mauricio Garcias/Divulgação

**Não Corre, Menino!**

Tainá Cavalcante/Divulgação

**Pequeno Monstro**

Divulgação

**Claudio Lins****NOSSA HISTÓRIA COM CHICO BUARQUE**

*Musical relaciona três momentos importantes de nossa história e suas relações com o cancionista do maior compositor brasileiro vivo. Teatro Riachuelo (Rua do Passeio, 38). Até 6/10, de qui a sáb (20h) e dom (19h). Matinês nos dias de sessão dupla (14 e 22/9 e 5 e 6/10), às 15h. Entre R\$ 110 e R\$ 250

O SEGREDO DE BROKEBACK MOUNTAIN

*Durante um período em que vão cuidar de um rebanho numa montanha, dois jovens caubóis enfrentam adversidades e acabam se envolvendo afetivamente num encontro que marcará suas vidas. Até 26/9, qua e qui (20h). Teatro das Artes (Rua Marquês de São Vicente, 52 - Shopping da Gávea). R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

Janderson

**As Aventuras de Pinóquio**

Pires/Divulgação

Carol Pires/Divulgação

**Na Beira do Mundo, Do Outro Lado de Mim****DANÇA****NA BEIRA DO ABISMO, DO OUTRO LADO DE MIM**

*Coreografia de Dasha Lavrennikov desenvolvida a partir de uma pesquisa artística cruzando diferentes territórios. Sáb e dom (21 e 22), às 20h. Centro Cultural Espaço Tápias (Rua Armando Lombardi, 175 - Barra). R\$ 45 e R\$ 22 (meia)

O CORPO QUE EU HABITO

*Misto de linguagens de dança, teatro e performance, o espetáculo da Cia da Ideia é fruto de um trabalho coletivo entre coreógrafos e dançarinos do grupo. Teatro Cacilda Becker (Rua do Catete, 338 - Largo do Machado). Até 29/9, de sex a dom (19h). R\$ 40, R\$ 30 (promocional MINC), R\$ 20 (meia) e R\$ 15 (meia promocional MINC)

INFANTIL**TÔ DE FÉRIAS**

*Com mais de 1,8 bilhão de visualizações só no YouTube, a dupla Kysha e Mine apresenta seu musical em duas apresentações no Teatro Bangu Shopping (Rua da Fonseca, 240 - Espaço 174). Dom (22), às 14h e 17h30. R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

AS AVENTURAS DE PINÓQUIO

*A famosa fábula de Collodi sobre o boneco de madeira que sonhava ser um menino ganha vida no Teatro EcoVilla Ri Happy (Rua Jardim Botânico, 1008). Até 6/10, aos sáb e dom (16h). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

EXPOSIÇÃO**OBLÍVIO**

*Lalin Witch apresenta individual com trabalhos que convidam o espectador a buscar suas memórias sem filtros, com a intenção de provocar a reflexão acerca de nossas atitudes. De 9 a 30/9 na Galeria Dobra (Rua Orestes, 28 - 2º andar - Fábrica Bhering - Santo Cristo), seg a sex (10h às 15h) e sábados (14h às 19h).

ARTE DE CÓDIGO ABERTO

*O artista visual Vamoss liberou os códigos de suas obras digitais para permitir a interação dos visitantes por meio de QR Code. Meta Gallery (Rua da Assembleia, 40). Até 25/10, de seg a sex (10h às 18h). Grátis

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Localizada no norte da Espanha, numa área estimada em 61 km² banhada pelas águas do Golfo da Biscaia, a cidade de San Sebastián, fundada em 1180 d.C., inaugurou em 1953 um dos festivais de maior prestígio do mundo, capaz de atrair cineastas do mais alto calibre criativo. O evento completou sete décadas conseguindo se renovar, sintonizando-se com as pautas mais urgentes da atualidade.

Não por acaso, ele inicia nesta sexta-feira (20) sua edição de número 72 com a projeção do que promete ser um pleito feminista: a nova versão de “Emmanuelle”. Sua programação se insere num contexto histórico de respeito, uma vez

que o evento fez fama com sua habilidade de revelar correntes estéticas.

Desde a década de 1950, sua seleção consagra expressões autorais com a

lâurea chamada Concha de Ouro, batizada em referência ao símbolo da região. Sua geografia, vista do alto tem formato da carapaça que projete os moluscos.

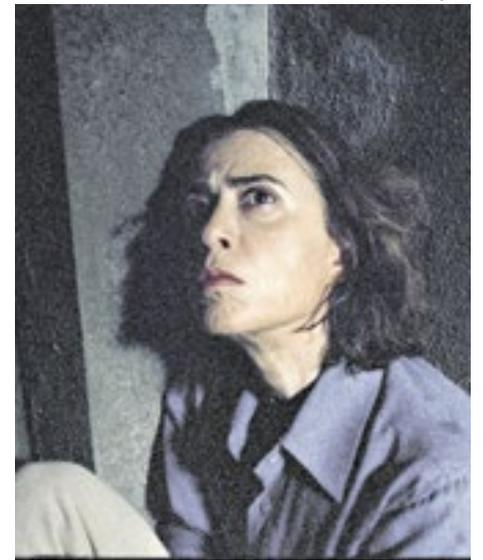
Esse troféu já coroou muitas grifes da boa direção, como o italiano Dino Risi, os franceses Eric Rohmer e Claude Chabrol, a venezuelana Mariana Rondón, o mexicano Arturo Ripstein, o poderoso chefe estadunidense Francis Ford Coppola, o sino-americano de Hong Kong Wayne Wang, o escocês Peter Mullan, a georgiana Dea Kulumbegashvili e o boliviano Jorge Sanjinés. Até Marlon Brando foi coroado lá, em sua única experiência como realizador, o faroeste “A Face Oculta” (1961).

Para o Brasil, só houve uma Concha dourada, a de 2019, conquistada por “Pacificado”, dirigido por Paxton Winters no Morro dos Prazeres. Desta vez, não há sinal de realizadoras/es nacionais na competição principal, que terá a diretora basca Jaione Camborda como presidente do júri (ler entrevista a seguir).

Seu time de juradas/os reúne a jornalista e escritora argentina Leila Guerriero, o ator e diretor americano Fran Kranz, a produtora francesa Carole Scotta e os cineastas Christos Nikou (da Grécia) e Ulrich Seidl (da Áustria). Essa turma vai analisar as 16 produções em concurso, entre as quais o esperado “Con-



Nova versão de ‘Emmanuelle’ abre o Festival e integra a relação de concorrentes à Concha de Ouro



Aclamado em Veneza, ‘Ainda Estou Aqui’ será exibido em mostra paralela do festival espanhol



Donostia em tempo de cinema

Estreia mundial do novo ‘Emmanuelle’, em telas da Espanha, inaugura nesta sexta a 72ª edição de uma maratona cinéfila que redefine os rumos estéticos do audiovisual



O realizador espanhol Pedro Almodóvar, que ganhará o Troféu Donostia, com Julianne Moore e Tilda Swinton nos bastidores de ‘O Quarto Ao Lado’



A exibição do comovente ‘Todo Tempo Que Temos’, do diretor irlandês John Crowley, encerra a programação de San Sebastián

clave”, do germânico Edward Berger (o mesmo de “Nada De Novo No Front”) cotadíssimo para o Oscar. Disputam com ele diretoras em franca ascensão, como a madrilenha Iciar Bollain e a chilena Maite Alberdi; medalhões como o nonagenário franco-grego Costa-Gavras; o mestre asiático do suspense Kiyoshi Kurosawa; e campeões de bilheteria como o parisiense François Ozon, que ven-

ceu lá em 2012, com “Dentro da Casa”.

No dia 21, fora dessa disputa, a atriz australiana Cate Blanchett, oscarizada duas vezes (por “Blue Jasmine” e por “O Aviador”), vai ao festival buscar uma lâurea honorária, o troféu Donostia. Esse é o nome de San Sebastián em basco, um dos sotaques falados por lá, incluindo sua derivação mais antiga, o Euskera, considerada a língua mais antiga da Eu-

ropa. Nesse ambiente, de praia, famoso pelos pintxos (iguarias culinárias que combinam rodelas de pão com mariscos, pimenta, crustáceos, queijos e presunto), haverá um segundo Donostia de Honra, a ser entregue (no dia 26) a Pedro Almodóvar. De quebra o diretor de “Volver” (2006) vai exibir por lá “O Quarto Ao Lado” (“The Room Next Door”), seu primeiro longa em língua inglesa, contempla-

CONCORRENTES À CONCHA DE OURO 2024

- *“Emmanuelle”, De Audrey Diwan (França)
- *“Bound In Heaven”, De Huo Xin (China)
- *“Conclave”, De Edward Berger (Alemanha)
- *“The End”, De Joshua Oppenheimer (Dinamarca/ Alemanha/ Irlanda)
- *“Los Destellos”, De Pilar Palomero (Espanha)
- *“Hard Truths”, De Mike Leigh (Reino Unido)
- *“El Hombre Que Amaba Los Platos Voladores”, De Diego Lerman (Argentina)
- *“Le Dernier Souffle”, De Costa-Gavras (França)
- *“The Last Showgirl”, De Gia Coppola (EUA)
- *“El Lugar De La Otra”, De Maite Alberdi (Chile)
- *“Soy Nevenka”, De Icíar Bollaín (Espanha)
- *“On Falling”, De Laura Carreira (Portugal/ Reino Unido)
- *“Serpent’s Path”, De Kiyoshi Kurosawa (Japão/ França)
- *“Tardes De Soledad”, De Albert Serra (Espanha/ França/ Portugal)
- *“El Llanto”, De Pedro Martín-Calero (Espanha/ França/ Argentina)
- *“Quand Vient L’automne”, De François Ozon (França)

do com o Leão de Ouro de Veneza no dia 7 de setembro.

Esse mesmo felino fez a fama da diretora do remake de “Emmanuelle”, a francesa de origem libanesa Audrey Diwan. Ela ganhou o Leão em 2021, por “O Acontecimento”. Caberá a ela abrir San Sebastián com uma releitura - para tempos marcados por lutas em prol da equidade de gêneros - de um clássico do erotismo, definido por alguns/algumas historiadores/as como cafona e por outra/os como necessário. Trata-se de um clássico que celebra 50 anos em 2024. Em 1974, o fotógrafo e escultor francês Just Jaeckin (1940-2022) estreou como cineasta com uma adaptação do romance best-seller homônimo publicado em 1967 pela franco-tailandesa Marayat Rollet-Andriane (1932-2005), conhecida como Emmanuelle Arsan. O livro vendeu horrores e adaptação audiovisual dele repetiu esse feito nas bilheterias, no mundo todo, a um ponto de ter somado 8,9 milhões de ingressos vendidos na França. Sua arrecadação mundial beirou US\$ 20 milhões (uma fortuna para a época), abrindo uma franquia alimentada por seis outros longas e sete telefilmes. Esse fenômeno transformou sua protagonista, a holandesa Sylvia Kristel (1952-2012), numa estrela e num sinônimo de libido em tempos em que não se falava de

sororidade.

Noémie Merlant (de “Retrato de uma Jovem em Chamas”) será a estrela do “Emmanuelle” de Diwan. Em sua trama, que será projetada nesta sexta no abre da disputa pela Concha de Ouro, a personagem está à procura de um prazer perdido e viaja sozinha para Hong Kong numa viagem de negócios. Por lá, trava numerosos encontros afetivos e conhece Kei, um homem que a ilude constantemente - um pouco com acontecia na adaptação de Jaeckin.

Ainda nesta sexta, San Sebastián tem tudo para aplaudir o Brasil numa mostra paralela, a Perlak (Pérola), na exibição de “Ainda Estou Aqui”, de Walter Salles. O filme iniciou sua carreira no Festival de Veneza, de onde saiu com o prêmio de Melhor Roteiro (dado a Murilo Hauser e Heitor Lorega). Produzido por Rodrigo Teixeira (de “A Vida Invisível” e “O Farol”), esse drama marca a volta de Salles à ficção 12 anos depois de “On The Road” (“Na Estrada”). Seu enredo, baseado em romance biográfico homônimo de Marcelo Rubens Paiva, é ambientada no Rio de Janeiro do início dos anos 1970, quando o país enfrenta o endurecimento da ditadura militar, pós AI-5. No epicentro da dramaturgia há uma família, os Paiva: Rubens (Selton Mello), Eunice (Fernanda Torres), filhas e filhos. Eles vivem na frente da praia, numa casa de portas abertas para os amigos, com música e alegria reinantes. Vivem assim até o dia em que Rubens é levado por agentes do governo à paisana e desaparece. Eunice - cuja busca pela verdade sobre o destino de seu marido se estende por décadas - é obrigada a se reinventar e traçar um novo futuro para si, para sua prole e para a luta pela democracia. Fernanda Montenegro vive Eunice em idade mais avançada.

Neste domingo, na mostra Horizontes Latinos, o cinema brasileiro busca nova consagração com “Cidade; Campo”, de Juliana Rojas, que ganhou o prêmio de Melhor Direção na Berlinale, na seção Encontros. A realizadora arrebatou plateias pelo modo como celebra a força feminina e como enfrenta tabus recorrentes na representação do amor queer. Seu roteiro se divide em dois hemisférios: num, uma agricultora que perdeu tudo na tragédia de Brumadinho se muda para a metrópole; noutro, um casal de namoradas vai tentar a sorte num sítio isolado.

No dia 28, San Sebastián encerra suas atividades anunciando as decisões do júri de Jaione e exibindo o drama romântico “Todo Tempo que Temos” (“We Live in Time”), do irlandês John Crowley, com Florence Pugh e Andrew Garfield.

ENTREVISTA / JAIONE CAMBORDA,
CINEASTA E PRESIDENTE DO JÚRI

‘Eu foco nas fronteiras’

Divulgação SSIFF



Presidente do júri de San Sebastián este ano, Jaione Camborda exibe a Concha de Ouro que ganhou em 2023

Um ano depois de ter conquistado a Concha de Ouro - e logo em sua cidade natal, San Sebastián - tornando-se a primeira diretora espanhola a receber a láurea, Jaione Camborda retorna ao festival basco para presidir o júri oficial de 2024. O longa-metragem que a consagrou por lá, “O Corno” (também chamado de “O Corno do Centeio”), rodado em coprodução com Portugal, segue a fazer carreira comercial pela Europa, mantendo-se inédito por aqui. Ao contrário do que o seu título sugere, sua trama não fala sobre adultérios, e, sim, sobre os direitos das mulheres sobre seus corpos. Nele, Jaione volta ao passado, até os anos 1970, na fronteira de seu país com terras lusas. Vai até lá para contar a fuga de uma parteira María (Janet Novás) que ajuda uma jovem a abortar. A morte da moça faz de María um alvo da polícia, o que a obriga a sair de seu lar e buscar uma nova vida. A fotografia de Rui Poças amplia a potência estética da investigação social da cineasta, que teve o diretor Rodrigo Areias como seu produtor.

Jaione conversou com o Correio da Manhã em meio à sua vitória, destacando sua mirada feminista, que deve se fazer relevante nos resultados de Donostia deste ano.

É impossível viajarmos à Espanha da década de 1970 sem pensar no regime ditatorial de Franco. De que forma o franquismo aparece, ainda que seja como um fantasma, na trama de “O Corno”?

Jaione Camborda: O tema não é tratado explicitamente no filme, de maneira direta, mas faz parte dos muitos perigos que rondam aquele mundo. Tentei fazer com que a atmosfera por mim retratada se parecesse estilisticamente com a Espanha rural do presente. Era uma forma de buscar conexão com dilemas contemporâneos sobre as proibições impostas ao corpo feminino.

Que analogia seu filme trava entre o espaço ibérico e o corpo das mulheres?

Eu ponho foco nas fronteiras, registrando os limites culturais entre os territórios. Filmei numa região que é cortada pelo Minho, na qual se entende o galego e o português.

Seu filme denuncia violências diversas contra as mulheres, mas jamais ridiculariza os homens. Como encontrar esse limite de sobriedade na representação dos gêneros?

Nunca busquei satanizar o masculino. Eu apenas evito enquadrar homens no centro da narrativa, mantendo as mulheres em posto de protagonismo. Busquei trazer testemunhos reais de vivências femininas para montar a narrativa.

ENTREVISTA / JOSÉ LUIS REBORDINOS, PROGRAMADOR E DIRETOR DE DONOSTIA

'San Sebastián trabalha 365 dias por ano'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Vozes autorais consagradas como Jane Campion, Mike Leigh, Costa-Gavras, Mati Diop e Walter Salles prometem tornar a edição nº 72 de San Sebastián um marco não apenas na história do evento (iniciada em 1953) como no ranking dos maiores festivais de cinema do planeta, onde a maratona basca se coloca numa espécie de G7. Nesse grupo dos sete das maiores mostras do audiovisual, ela aparece ao lado de Roterdã, da Berlinale, de Cannes, de Locarno, de Veneza e de Toronto.

Quem manteve seu prestígio em alta foi um pedagogo nascido em Errenteria (cidade da Espanha quase na fronteira com a França), que, em 2011, assumiu sua direção geral: José Luis Rebordinos. Graças a ele, Donostia (San Sebastián, no idioma basco) apostou numa linha curatorial capaz de abraçar estéticas de invenção pautadas pelo risco (e pela provocação política) ao mesmo tempo em que se abre a narrativas mais comerciais, sempre valorizando medalhões ibéricos.

Nos 13 anos da gestão Rebordinos, todas as séries e todos os filmes de prestígio de sua pátria natal, marcada por sucessos como "Fale Com Ela" (2002) e "Alcarràs" (2022), entraram com destaque na grade estruturada por ele. Fenômeno transcontinental, "La Casa de Papel" é só um pedaço de um processo de expansão global perpetrado pela pátria de Pedro Almodóvar, que, mesmo sob crises econômicas diversas, lutou para difundir sua produção audiovisual planeta a fora, consagrando cineastas nos streamings, nas telas de TV e nas salas exibidoras. Em 1999, com o sucesso internacional de "Tudo Sobre Minha Mãe", que rendeu um Oscar a Almodóvar, as agências de exportação de Madri, Barcelona e arredores perceberam que cinema e televisão são, ainda, a maior diversão – hoje, inclui as plataformas de difusão digital nessa conta. Percebe-se, pela maciça concentração de títulos da Península Ibérica no menu de San Sebastián 2024, que a indústria cultural daquela região prepara uma leva de projetos para fomentar o mercado cinematográfico,



Pablo Gómez/Divulgação SSIFF

O diretor do festival espanhol, José Luis Rebordinos, com o cartaz da homenagem a Cate Blanchett

mobilizando as grandes produtoras de conteúdo de TV do Velho Mundo.

Na entrevista a seguir, Rebordinos explica essa dinâmica ao Correio da Manhã.

Como San Sebastián contribuiu para a expansão da pesquisa estética em cinema e TV/streaming na Espanha em relação às novas questões de gênero e às reconfigurações políticas do país?

José Luis Rebordinos: Nosso festival, assim como os filmes que programamos, é, de certa forma, um reflexo de nosso tempo e de nossa sociedade. Por esse motivo, a questão de gênero (assim como a sustentabilidade) é um assunto que nos preocupa e ao qual dedicamos parte de nossos esforços. Há alguns anos, assinamos o chamado "Acordo 50/50", pelo qual nossas equipes de gestão e recrutamento são iguais e seus currículos são publicados em nosso site. Por outro lado, todos os

anos, realizamos um estudo comparativo de gênero por seções e profissões e o publicamos em nossa página oficial na internet. Também programamos palestras e debates relacionados a esse tópico. No caso da Espanha, estamos vivendo um momento muito bom em termos de qualidade e quantidade de filmes. E muitos deles, cada vez mais, são dirigidos ou produzidos por mulheres.

O festival escolheu Pedro Almodóvar como um de seus homenageados do ano. O Prêmio Donostia, que será entregue a ele, adquire um novo significado, ainda mais necessário depois do Leão de Ouro concedido a "O Quarto Ao Lado". O que significa institucionalmente essa homenagem a um cineasta tão importante para a Espanha?

Para nós, é uma honra. É um prêmio que o Festival deve a Pedro Almodóvar, nosso

diretor mais importante em nível internacional.

Qual é o orçamento que um festival como San Sebastián precisa para começar a funcionar e como esse investimento ajuda a promover as produções ibéricas?

É de cerca de 10 milhões de euros. Mas não se trata apenas de um orçamento para o evento de nove dias do festival. San Sebastián existe e trabalha 365 dias por ano: fazemos parte da Escola de Cinema Elías Querejeta; organizamos residências para projetos (Ikusmira Berriak); participamos de consultorias para jovens cineastas; e programamos filmes no centro Tabakalera. Esse investimento ajuda a treinar nossos futuros cineastas, ajuda a desenvolver seus projetos, busca promover e divulgar seus filmes e auxilia a financiar, vender, rentabilizá-los e internacionalizá-los.

Que simbolismo estético e político está por trás da escolha de um filme como "Emmanuelle" para a abertura do festival?

Gostamos muito desse filme. É o novo longa de uma diretora, Audrey Diwan, que chega a San Sebastian depois de ganhar o Leão de Ouro em Veneza com seu trabalho anterior, "O Acontecimento". É um filme muito elegante, com atuações extraordinárias e uma grande mise-en-scène. De um ponto de vista temático, é a visão de uma mulher sobre o prazer feminino. Aqui a mulher não precisa apenas dizer sim ou não, ela é uma mulher que deseja, que quer alcançar o prazer. É um filme muito político que pode ser apreciado como um filme erótico, mas que vai muito além, que faz você refletir...

Como o trabalho no festival mudou sua relação pessoal com a cinefilia? Quais filmes o marcaram como cinéfilo? Como a atual cultura de streaming mudou sua maneira de assistir a filmes?

Suponho que eu possa escolher menos para assistir por falta de tempo, pois passo muito tempo assistindo a filmes que provavelmente serão selecionados para o nosso festival. Mas minha relação com o cinema, na minha paixão por ele, não mudou substancialmente. Há muitos filmes e diretores que me marcaram: Yasujiro Ozu, Carl Theodor Dreyer (especialmente no longa "Gertrud"), Ingmar Bergman, o cinema noir americano, todos as animações do Studio Ghibli, Luis García Berlanga e Luis Buñuel (especialmente "A Bela da Tarde"), alguns Seijun Suzuki, Yasuzô Masumura... Tantos... Dependendo do dia e do momento, essa lista pode mudar.

CRÍTICA / FILME / A SUBSTÂNCIA

Divulgação



Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Num trecho do livro “O Manifesto Ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”, de 1984, a zoóloga e filósofa americana Donna J. Haraway afirma: “As máquinas do final dos anos 1900 tornaram completamente ambígua a diferença entre natural e artificial, mente e corpo, autodesenvolvimento e design externo, e muitas outras distinções que costumavam ser aplicadas a organismos e máquinas. Nossas máquinas são perturbadoramente vivas, e nós mesmos somos assustadoramente inertes”.

Esse parágrafo poderia ser a sinopse do filme ganhador do prêmio de Melhor Roteiro do Festival de Cannes de 2024: o virulento “A Substância” (“The Substance”). Sua engenharia não é metálica, é de carne. Uma carne que se molda ao bel-prazer da cultura da celebridade como se fosse uma placa de aço transcendendo em forma de escultura. As interferências realizadas no organismo que protagoniza seu enredo não se baseiam em ferro fundido, e sim, num soro, num remédio, o que não exclui a analogia com o pensamento de Haraway, centrado em qualquer “ajuste” não biológico num corpo, em qualquer “muleta” que nos tire do limite demasiadamente humano. É o que se passa com a atriz e apresentadora Elisabeth Sparkle, personagem que devolve Demi Moore a uma ribalta que ela perdeu faz tempo – injustamente.

Alinhada com o chamado body horror, filão (bem) lapidado pelo canadense David Cronenberg (“A Mosca”) e renovado pelo polêmico “Titane” (Palma de Ouro de 2021), essa vertente (cult) do cinema fantástico explora entranhas, artérias, tecidos corporais, músculos, fluidos. Segundo Cronenberg: “Todas as verdades estão no corpo. Temos frio na barriga quando em pânico. Te-



Demi Moore volta ao estrelato no papel de uma atriz decadente que recorre a uma fórmula para se renovar

Contraindicações do hedonismo

mos febre ao sentir uma infecção. Trememos com ansiedade. O corpo flagra tudo, expõe o que encobrimos”. Nessa lógica, somada ao olhar de Haraway, o longa dirigido (num frenesi crescente) pela francesa Coralie Fargeat (de “Vingança”) fala do sucateamento físico (e antes dele o sucateamento moral) de uma estrela que, aos 50 anos, perdeu a vez na TV. Ao ser descartada, ela faz um pacto com um demônio que se traveste de progresso: a Ciência.

Agendado para projeções no Festival de San Sebastián esta noite, brigando pelo prêmio de público na mostra Perlak, “A Substância” (“The Substance”), já em cartaz, narra a bizarra transformação por que Sparkle passa ao aceitar se submeter a um experimento. Ao ser desligada da emissora onde brilhava num programa de aeróbica, a mando de um executivo de hábitos grotescos (Dennis Quaid, hilário), ela recebe um convite para provar de uma fórmula sintética capaz de rejuvenescê-la. Sem nada a perder, ela prova do tal líquido (injetável) e passa por uma dolorosa mutação que a torna uma moça bem jovem. Essa figu-

ra, vivida pela ótima Margaret Qualley (de “Stars At Noon” e da série “Maid”), ganha o nome de Sue. A exuberância em seu olhar e sua destreza na ginástica fazem dela uma coqueluche midiática, tomando o posto que era de Sparkle. As duas deveriam ser uma só, mas acabam por desenvolver personalidades (e vontades) distintas, numa fratura de psique. É Médica e Monstra, Dra. Jekyll e Mrs. Hyde.

Essa rachadura é parte de uma contraindicação do tal soro: o certo era que elas trocassem de lugar, sempre, a cada sete dias, injetando-se novas doses. Se essa exigência de data não for cumprida, efeitos nefastos hão de ocorrer. O mais simples dele é o aumento da agonia no processo de morfismo delas. Há consequências mais graves como a escassez gradual da lucidez e a aparição de sequelas físicas, com marcas, pústulas e monstruosidades diversas. Como bem disse Cronenberg, é a verdade do descalabro se desnudando.

O que começa como um tenso estudo filosófico da vaidade descamba (com vigor) para um terror acelerado, numa metáfora para as criaturas que brotam das faltas de li-

mite no hedonismo nosso de cada dia. Seu trabalho taquicárdico de montagem (construído numa edição feita a seis mãos por Caroline, Jérôme Eltabet e Valentin Feron) jamais deixar a narrativa perder o ritmo, nem abrir mão de sua natureza reflexiva. O carisma de Demi, reciclado, ajuda o longa a cativar plateias e abre um debate (extra fílmico) sobre o prazo de validade de carreiras que um dia arrebatarem Hollywood.

A coprotagonista de “Ghost” (1990), que desafiou tabus em “Striptease” (1996), já teve a Meca do cinema das mãos, mas acabou sendo escanteada conforme avançava na idade, por novas primaveras. O novo viço que essa produção dirigida por Caroline lhe garante é um convite a um debate sobre a mecânica do descarte na indústria do entretenimento. Haraway afirma que os ciborgues se mecanizam para durarem mais, para desafiar a finitude e enganar o Tempo. Mas uma coisa é o tempo da Natureza, outra coisa é o tempo do capitalismo (sobretudo aquele que legisla sobre o cinema). É contra esse Mal que Demi agora insurge, em estado de graça.

Paulo-Roberto Andel

Serious

Para mim, é a melhor e mais subestimada música já feita pelos ingleses do Duran Duran. Tem a coisa do fim dos anos 1980, que tinha sua mágica, algumas perdas e mudanças - remete imediatamente. A gente jogava muito botão na casa do Luizinho, que era um livro à parte - quem sabe? -, estava sempre no Bar Sniff's e também no nosso quartel general, que era a casa do Fred. Hoje, eu fico tentando entender como dava tempo para todos os lugares. E ainda tinha os jogos do Fluzão, corrida e futebol na praia, mais a faculdade de noite.

Minhas aulas na UERJ começaram em 1988. Uma vez ou outra eu faltava ou não tinha aula mesmo. No Fred a gente começou a ter muitos encontros de tarde. Uma vez ou outra eu encontrava o Jorge e íamos para o treino do Flu - hoje é impossível.

Eu frequentei o apartamento de 1978 a 1992. Nunca fiquei três dias sem ir lá. E o Fred era caseiro demais. Ele gostava muito. Depois a turma aumentou, vieram as garotas, as pequenas loucuras e tínhamos grandes momentos na nossa bolha particular. Jogando cartas, ouvindo LPs, vendo TV ou conversando sobre qualquer coisa. Filmes. Cotidiano. Aprendi muita coisa por lá. Não éramos intelectuais, mas antenados de alguma forma.

Quando chegou a virada para os 1990, a faculdade começou a apertar, perdi as tardes livres com os estágios, o tempo encurtou. Fred foi trabalhar, o apartamento continuou um QG mas sem a presença diária. A gente não se deu conta, mas era o fim de uma era e o início de outra - como grupo, nunca mais nos reuniríamos, salvo por excepcionais, uma delas muito triste: a própria morte do Fred, há 15 anos, muito antes

do razoável. Ele tinha 42 apenas. Eu contava com ele para ser meu amigo de conversa fiada na velhice que já se avizinha, mas não deu. Não tivemos últimas palavras: na cama do hospital, ele chorou com os abraços e sabia que era a despedida. Fui o último a cumprimentá-lo. Apertamos as mãos, nos olhamos e por uns dez segundos, atravessamos trinta anos. Ele faz muita falta.

Perdemos os anos 1990. Em 2003, marcamos um encontro na Cobal. Todo mundo duvidava que Fred fosse, já que só saía de casa para trabalhar. Ele foi. Mesmo assim, mantivemos contatos esparsos. Tudo mudou no dia do velório da minha mãe, a quem ele chamava de tia. De janeiro de 2007 a março de 2009 voltamos a nos falar como nos velhos tempos, passei a encontrá-lo novamente em Copacabana. Ele me ajudou muito quando perdi minha família. Parecia tudo planejado: meses depois, ele é que se foi e levei mais um duro golpe. Desde então, fiz muitas coisas mas isso fica para depois.

Agora, depois da meia noite, se fosse há quarenta anos estaríamos deixando o apartamento do velho bloco F, ou saindo da casa do Ricardinho (nosso QG alternativo, cuja vista da sala era um paraíso verde). Descer a Santa Clara, atravessar a Boca do Lobo, a praça do Bairro Peixoto, não fazer barulho na Anita Garibaldi para não atrapalhar o sono de Angela Rô-Rô, chegar a porta do prédio, abraço, tchau, amanhã começa tudo de novo. Não tínhamos um tostão nem grandes perspectivas, mas tínhamos grandes goles de felicidade diária. Devíamos estar todos juntos agora. Bem, não se pode vencer todas. Paciência.

Duran Duran me diz muitas coisas.

Amizades literárias

CRÍTICA / LIVROS

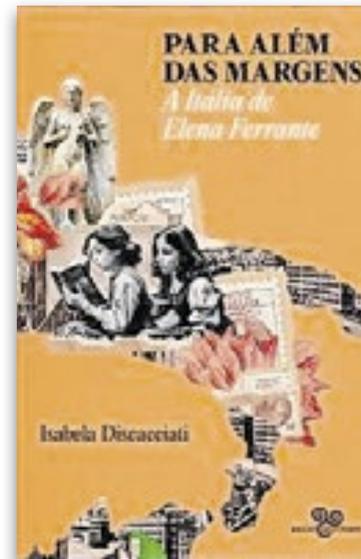
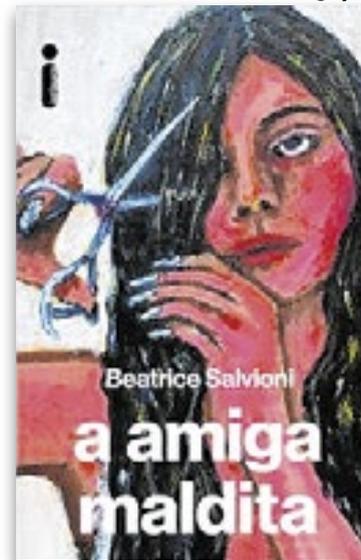
Por **Olga de Mello**
Especial para o Correio da Manhã

É difícil não evocar Lila e Lenu, as meninas de Elena Ferrante, ao ler “A amiga maldita” (Intrínseca, R\$ 69,90), de Beatrice Salvioni. Mesmo que a edição brasileira mantivesse o título original – “A Malnascida” –, o relato da amizade de duas pré-adolescentes sob o fascismo já lembra, por si só, o tema desenvolvido por Ferrante na Tetralogia Napolitana, iniciada por “A amiga genial”. Acabam aí as semelhanças: Maddalena, a ‘maldita’, a menina pobre que os vizinhos acreditam dar azar a quem dela se aproxima, e Francesca, filha de um chapeleiro, criada sob rígidos padrões burgueses, desenvolvem uma relação proibida, diferente de Lenu e Lila, que vêm do mesmo extrato social.

A liberdade exercida por Maddalena fascina Francesca, que acompanha a amiga e mais dois meninos em incursões por matas e rios próximos, como se a vida fossem eternas férias. A Maldita só frequenta a escola quando quer, já foi expulsa de alguns colégios, não se submete a autoridade exceto a dos parentes. A culpa por não haver cuidado de um irmão pequeno, que morre em sua companhia, acompanha Maddalena, enquanto Francesca, a privilegiada, não tem fantasmas no passado, só queixas de um presente aborrecido de obediência aos pais. A opressão do Estado fascista se dissemina através das famílias, que oferecem filhos para guerrear ou joias de ouro a fim de ajudar o governo a custear os soldados.

O simbolismo dos nomes é

Fotos/Divulgação



claro: Maddalena, a prostituta redimida por Cristo, e Francesca, o feminino do santo italiano e padroeiro do país, que trocou a riqueza pela simplicidade, vivem nas duas meninas. Ao longo de um ano, Francesca desperta para os temores e horrores da vida, mas também para um lado desconhecido, lembrando a adolescente de outro livro de Elena Ferrante, “A vida mentirosa dos adultos”, que entra em contato com outros arranjos sociais ao

conhecer uma tia de quem os pais se afastaram. Francesca percebe a falta de amor no casamento dos pais, a traição da mãe, a necessidade paterna de garantir apoio dos líderes fascistas para seu negócio sobreviver. A violência, as mudanças físicas trazidas pela menstruação e a dissimulação que é o universo adulto se contrapõem à curta experiência de molecagem ao lado do bando de Maddalena. O livro, que foi lançado em 32 países, será adaptado para série televisiva.

Passados treze anos desde a publicação de “A amiga genial”, a Febre Ferrante não se esgotou. Enquanto a série de TV baseada na Tetralogia chega à quarta e última temporada, sob supervisão da escritora, não faltam ensaios sobre sua obra. Uma preciosidade para os admiradores da autora é “Para além das margens – A Itália de Elena Ferrante” (Bazar do Tempo, R\$ 84,90), de Isabela Discacciati, jornalista mineira especialista em cultura italiana, que percorre os cenários dos quatro livros – Nápoles, Pisa, Florença, Ischia –, discorrendo sobre personagens, lugares e enredos criados por Ferrante. A Tetralogia cobre um período de quase 60 anos na vida das duas amigas, e Isabela busca esses traços na Itália atual. O bairro napolitano onde foi filmada a série recebeu imensos pôsteres reproduzindo imagens das atrizes e de cenas da adaptação televisiva. O sucesso dos livros e, principalmente, da minissérie tornaram a região periférica uma atração turística. Esse poder transformador da literatura é a base da história de Lenu e Lila, as amigas que trilham caminhos diferentes para sair da pobreza.

Divulgação



Atelier dos Sabores

Tomás Vélez/Divulgação



Bucaneiros

Por **Natasha Sobrinho**
 (@restaurants_to_love)

Especial para o Correio da Manhã

Em homenagem ao Dia da Banana, comemorado em 22 de setembro, o Correio da Manhã preparou um roteiro especial com oito sugestões de Banoffee. A sobremesa britânica, que tem como ingrediente principal a banana, além de chantilly e um molho espesso de caramelo, combinado sobre uma base de biscoito amanteigado, pode ser encontrada em diversas apresentações. Confira abaixo:

ATELIER DOS SABORES – A loja, que acaba de abrir as portas em Copacabana, oferece duas opções da sobremesa: a banoffee de chocolate com massa soufflé de chocolate, doce de banana, mousse de doce de leite, chantilly, ganache de chocolate meio amargo e pedacinhos de biscoito (R\$21 - fatia ou inteira - R\$165) e a minibanoffee na versão zero glúten, açúcar e lactose (R\$26). Endereço: Rua Hilário de Gouveia, 88 – Copacabana. Tel: (21) 97398-7871.

BUCANEIROS – A hamburgueria oferece duas sugestões diferentes de banoffee: o milkshake, batido com gelato sabor vaniglia avorio, doce de leite e doce de banana

Samantha Toledo/Divulgação



Éclair

Divulgação



Fábrica de Bolos Vó Alzira

Divulgação



Diana Bakery

Divulgação

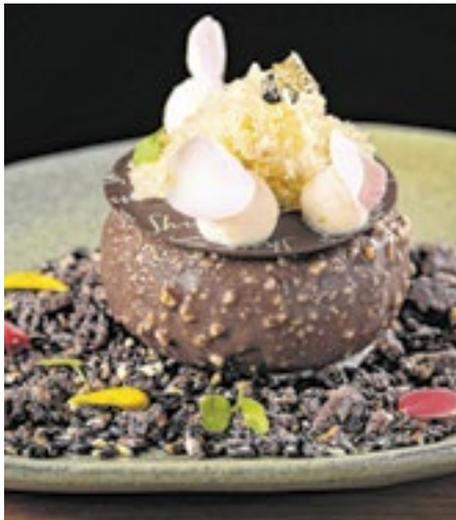


Cortés Asador

Yes, nós temos Banoffee!

Veja onde provar a torta de banana no Rio

Lipe Borges/Divulgação



Shiso

caseiro (R\$ 16,90) e a banoffee no pote, feita com doce de leite, banana, biscoito e chantininho (R\$ 16). Rua Arthur Bernardes, 58 – Catete. Tel: (21) 98865-6388.

CARDIN – O café oferece em seu cardápio a torta Banoffee com casquinha crocante feita com biscoito, recheada com o autêntico doce de leite, cobertura de chantilly polvilhado com canela (R\$146 - inteira). Rua Constante Ramos, 44 – Copacabana. Tel: (21) 96703-5262.

CORTÉS ASADOR – Na casa de

Divulgação



Cardin

carnes, localizada no Shopping Leblon, a Banoffee é servida em um potinho com crème patissière de doce de leite, banana caramelizada com limão e noz-moscada, praliné de noz-pecã e flor de sal (R\$34). Endereço: Av. Afrânio de Melo Franco, 290/ lojas 410 e 411 – Leblon. Tel: (21) 3576 9707.

DIANNA BAKERY – A confeitaria, na Tijuca, oferece o Bolo Brownoffee (R\$ 13 - fatia), receita clássica francesa de bolo “quatre quarts”. Na casa, o açúcar branco é substituído por açúcar mascavo

e feito com banana prata bem madura, tornando um bolo de banana denso e saboroso. Para homenagear o hit banoffee, a cobertura é de doce de leite com chips de banana. Rua Dona Delfina, 14 – Tijuca. Tel: (21) 3129-7006.

ÉCLAIR – A confeitaria criou uma éclair sabor Banoffee (mini R\$11 | grande R\$22). Ela é feita com mousse de doce de leite, doce de leite, banana com cobertura de chantilly e cacau. BarraShopping – Av. das Américas, 4666 - Loja 141, Praça XV - Nível Lagoa. Tel: (21) 3556-9808.

SHISO - No restaurante japonês do Grand Hyatt Rio de Janeiro, a banoffee recebeu o nome de Banana e missô (R\$ 49), uma mousse de banana recheada de caramelo de missô, banho crocante de chocolate, e servida com crumble de cacau, arroz suflado e esponja de banana. A sobremesa é uma criação da chef pâtissier Paula Peixoto. Av. Lucio Costa 9.600, Barra da Tijuca. Tel: (21) 3797-9523.

FÁBRICA DE BOLO VÓ ALZIRA – A casa acaba de lançar o Bolo Banoffee (R\$ 42). Ele é feito com camadas de massa macia de banana, recheio de doce de leite, chantininho (mistura de chantilly com leite ninho) e um toque de canela e cacau. Rua Paulo Barreto, 25 - Botafogo. Tel: (21) 98687-4365.

Dia destes busquei, na portaria do prédio onde resido, o famigerado livro de ocorrências para relatar os latidos insuportáveis de um cão, de grande porte, que vem ensurdecendo a vizinhança, sem hora e dia para fazê-lo, por longos períodos seguidos, trazendo um transtorno ímpar para todos os moradores do condomínio.

Estranhei que o porteiro ao me entregar o alfarrábio, esboçou um sorriso maroto, daqueles de 5ª série, como se houvesse no ar uma piadinha de duplo sentido, daquelas bem infames, mas que rimos de galgar.

Na mesma página onde ia relatar o fato, me deparo com outras três reclamações; uma sobre som alto pelas madrugadas afóra, outra sobre “ruídos estranhos” a partir das 4h30 – que seriam “ruídos estranhos”? – e uma terceira, neste caso apócrifa, e a que mais me chamou a atenção, dando conta de barulhos “íntimos” que acontecem em determinado andar “durante a manhã, tarde, noite e madrugada”. Confesso; fiquei com inveja dessa maratona íntima, se é que esses íntimos se referem àquilo que pensei...

Talvez more um leão no prédio e não saibamos. Nos idos dos anos 1970, pela Rádio Relógio Federal, emissora carioca que, obviamente apresentava hora de minuto em minuto, anúncios e uma vinheta de cultura inútil – talvez nem inúteis assim, pois uma delas está me servindo de base informativa para esta crônica - ouvi o famoso “Você Sabia?” com esta bela informação: “Você sabia que o leão é o único animal capaz de copular dia e noite, a cada 15 minutos, cerca de 140 vezes em um só dia? Você sabia?”

O som alto das madrugadas, não me abalam ou afetam porque, contrariando a máxima de que quem tem som bom só ouve música ruim, o vizinho tem apuro musical, obras de qualidade que transitam entre Bossa-Nova, MPB e rock progressivo dos anos 1970.

Concluí: o som alto deve ser para abafar os “barulhos íntimos”, os ruídos estranhos” devem ser sinônimo de “barulhos íntimos” e o cachorro... bem, o cachorro deve morar com a barata da vizinha, ser incomodado pela dona do segundo andar, porque o camarão que vacila e dorme a onda leva e, no meu caso, cachorro é pinto e galo cantou às 4h da manhã com o pato que vai cantando alegremente, afinal o leão é o rei da criação para alvoroço da sinfonia.

Viva a banda, a Carmem, os aviões de carreira e algo no ar além deles, não é Barão de Itararé?



Sinfonia **condominial**



O Eixinho volta a voar

Uso de inteligência artificial faz artista deficiente visual voltar a criar suas tirinhas

Por Mayariane Castro

Entre o final da década de 1980 e o início da década de 1990, um passarinho feito de nanquim em uma folha de papel habitou o imaginário das pessoas em Brasília.

Do alto de um ninho no alto do Congresso Nacional, Eixinho, o Monumental observava e fazia comentários bem humorados sobre o que acontecia. Fo-

ram quase três mil tiras criadas. A tirinha em quadrinhos tornou-se um sucesso. Chegou a ter admiradores renomados, como os cartunistas Ziraldo e Jaguar, que chegou a publicá-las nas páginas do jornal O Pasquim.

Mas o autor do Eixinho, o publicitário Humberto Junqueira, nasceu com uma condição genética, a retinose pigmentar, que o faz perder a visão. Sem condições de con-

A tecnologia a serviço da arte

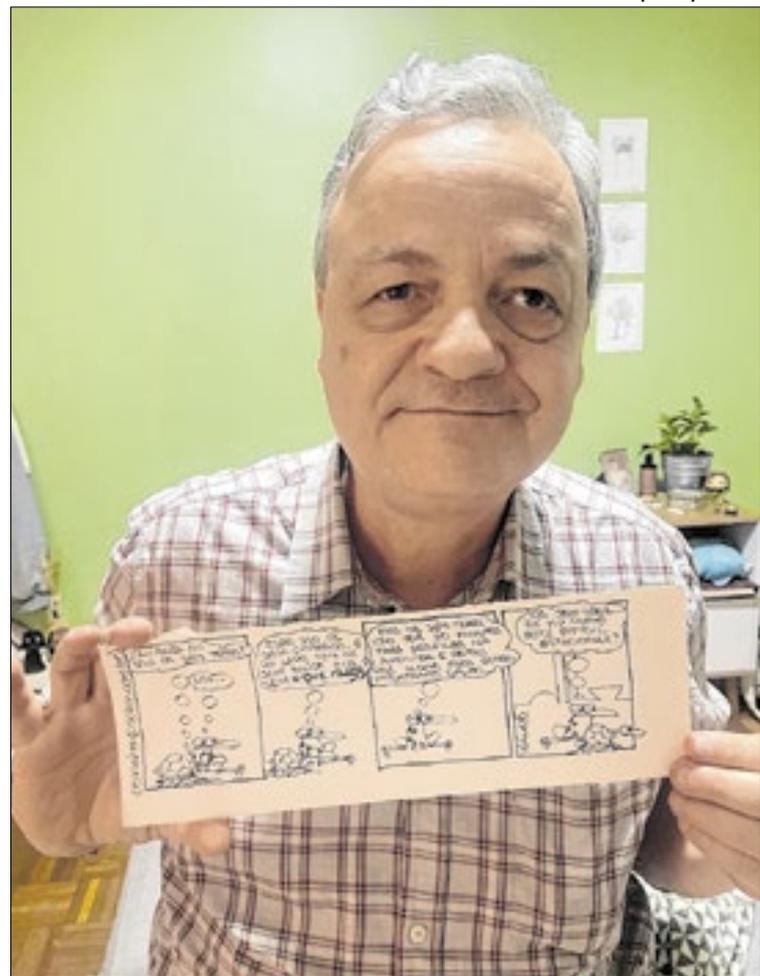
Para Humberto, é a mostra de que não há barreira intransponível

A arte é reconhecida como uma ferramenta poderosa de inclusão, especialmente para pessoas com deficiência. O testemunho de Humberto Junqueira, que perdeu a visão por uma condição genética, evidencia como a arte pode desafiar percepções e fomentar a admiração.

Ele observa que muitas vezes, pessoas com limitações são vistas como incapazes. No entanto, quando um artista deficiente visual cria uma obra admirada, isso altera a percepção do público, demonstrando que ele pode realizar feitos criativos que muitos

não imaginariam ser possíveis. Segundo ele, a arte não é apenas uma forma de expressão; é um elemento transformador na vida das pessoas.

“Então, quando um deficiente visual consegue expressar alguma coisa que é admirada pelos outros, uma escultura, um quadro, música, dança, naturalmente ele passa a ser incluído, porque ele passa a ser admirado por algo que as pessoas imaginam que ele não seria capaz de fazer. Então, a arte com a sua mágica tem esse poder. A arte não alimenta ninguém, a arte não cura doença ne-



Arquivo pessoal

Humberto Junqueira e sua criação: Eixinho, o Monumental

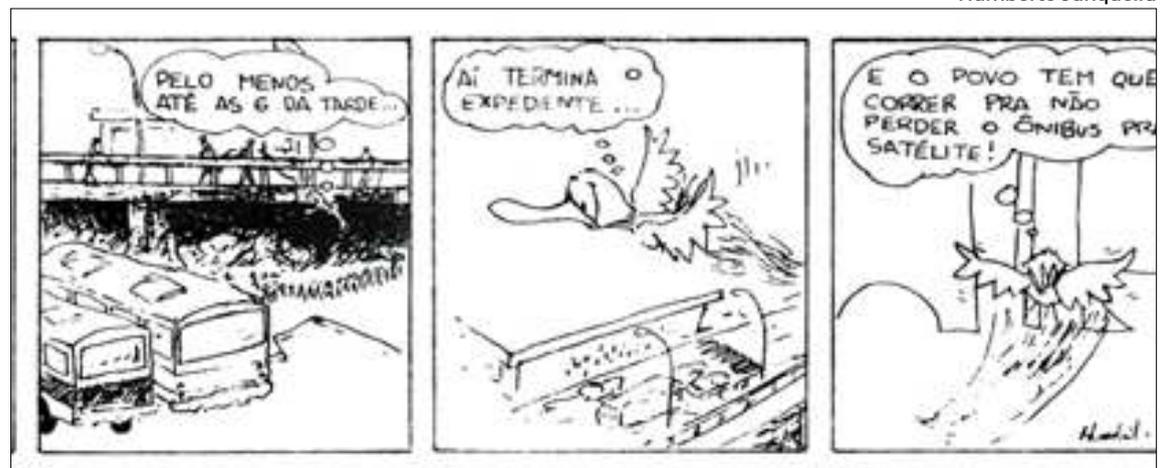
tinuar desenhando, Humberto parou de fazer as tiras.

Até agora. Com o uso de novas tecnologias, Humberto vem desenvolvendo ferramentas que lhe permitiram, a partir dos antigos desenhos, criar novas histórias, que ele vem publicando em um perfil no Instagram (@eixinho_omonal).

Ferramenta

“A ferramenta me permite pegar todas as expressões e movimentos do Eixinho. Ele alegre, ele triste, olhando para cima, para baixo. E elas podem ser usadas outra vez em novas histórias, em novo contexto”, explica Humberto.

“Com isso, o Eixinho pode voltar a voar”, comemora o publicitário.



Humberto Junqueira

Tirinha inédita do Eixinho para o Correio da Manhã

nhuma, mas ela alimenta a alma e cura a cabeça das pessoas. Ela tem um poder de transformar”.

O artista acredita que suas criações podem inspirar outros a reconhecerem o potencial de pessoas com deficiência. “A arte tem o poder de mostrar que o deficiente visual é tão capaz quanto qualquer outra pessoa”, afirma.

Futuro

Agora, as novas tecnologias possibilitam a Humberto o retorno às tiras de quadrinhos. E

Humberto aposta muito que tal possibilidade seja a base do seu futuro.

O retorno do Eixinho, segundo Humberto, tem duas fases. Na primeira, a atual, o artista conseguiu digitalizar boa parte das suas tiras originais. E, assim, ter um arquivo das várias expressões e movimentos do seu personagem. Então, a partir disso, ele cria novos roteiros e um auxiliar monta a partir das suas orientações as novas tiras.

Ele conta, porém, que foi

procurado por uma empresa de inteligência artificial. No futuro, ele mesmo, a partir de comandos de voz, poderá ir orientando a ferramenta de inteligência artificial a montar novas tiras. “É preciso desmistificar a ideia da inteligência artificial. Não é que ela fará por mim. Ela irá me auxiliar. Mas a criação continuará sempre sendo minha”, explica.

É um caminho para possibilitar novos patamares de acessibilidade. Que servirão para ele e para outros.

SHOW**Festival Convida**

*Entre os dias 22 e 29 de setembro, o Festival Convida 2024 desembarca na Infinu Comunidade Criativa e na Praça das Avós (ambas na 506 Sul). São shows inéditos em Brasília, como a banda japonesa Acid Mothers Temple que abre o evento no dia 22 de setembro. Formada há mais de 30 anos no Japão pelo guitarrista Kawabata Makoto, a banda já lançou mais de 100 discos de estúdio e 70 LPs ao vivo e faz uma música única, um space rock progressivo e psicodélico. Os goianos da Boogarins trazem o show em que tocam Clube da Esquina, dia 28 de setembro e fechando a programação, no dia 29 de setembro, a banda Tuyo faz uma sessão dupla. Na primeira sessão, às 18h, a banda faz um show acústico e na segunda sessão, às 20h, trazem pela primeira vez a Brasília o show do disco "Paisagem" lançado em abril deste ano.



Grupo Tuyo se apresenta no Festival Convida

Divas do jazz

*Divas do Jazz é o nome do show gratuito que uma das mais importantes cantoras do Centro-Oeste brasileiro fará no CTJ Hall desta sexta-feira. A goiana Cláudia Vieira chega a Brasília para uma apresentação memorável que vem arrebatando público e crítica por onde passa. O show começará pontualmente às 20 horas, na Casa Thomas Jefferson da 706/906 Sul e será transmitido também pelo canal da Thomas no Youtube. Quem for ao CTJ Hall assistir de perto nem precisa retirar os ingressos antecipadamente. Basta comparecer.

2º Music Sunset

*A Vinícola Brasília está pronta para a segunda edição do Music Sunset, que acontecerá no dia 21 de setembro, das 17h às 21h. O evento promete uma noite com show exclusivo de Daniel Lavor e banda, apresentando um repertório completo de música country. A gastronomia será assinada pelo renomado Restaurante Pretensiosamente Modesto.

Ghetto Battle

*Ghetto Battle é um evento que tem como propósito resgatar a essência do Hip Hop, somando todas as vertentes dessa cultura urbana. Acontece hoje (20), às 17h30, no Complexo Cultural de Samambaia em ensaio aberto.

Um DF de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA CORREIOCULTURAL@GMAIL.COM

Layza Vasconcelos



Divas do Jazz - show de Cláudia Vieira

TEATRO**"Pronto! Socorro!"**

*"As coisas que acontecem em um pronto-socorro até Deus duvida!" (Diego Besou). O enfermeiro Diego Besou chega à capital do País com o show Pronto! Socorro!. A peça estará em cartaz neste domingo, 22 de setembro, às 18h e às 20h, no Teatro Caesb de Águas Claras. Ingressos a partir de R\$ 45.

"A Cigarra e a Formiga"

*Prepare-se para uma experiência interativa que vai encantar crianças e adultos! Nos dias 21, 22, 28 e 29 de setembro, de graça, o Teatro Brasília Shopping apresenta a fábula clássica "A Cigarra e a Formiga" em uma adaptação especial da Cia Teatral Néia e Nando.

Guy Damato



Museu de Arte de Brasília (MAB)

Divulgação



Expo Diversos chega a Brasília

Divulgação



Cia Teatral Néia e Nando

EXPOSIÇÃO

Primavera dos Museus

*O Programa MAB Educativo participa de mais uma edição da Primavera dos Museus, uma campanha promovida anualmente pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) para estimular as visitas comunitárias aos espaços culturais. Neste ano, o tema é “Museus, Acessibilidade e Inclusão”, e para a iniciativa, o educativo criou uma programação especial com visitas mediadas em LIBRAS, oficinas sensoriais e outras atividades para curtir o Museu de Arte de Brasília de uma forma divertida. Vale lembrar que a programação é para toda família. Para participar das oficinas aos finais de semana não é necessário agendamento, basta consultar a programação.

Tatiana Reis



Jovens da periferia colore muros da cidade

Victor Diniz



Sense Moda abre inscrições para terceira edição

Expo Diversos

*Com a curadoria de Vera Nunes e Bianca Bernardo, a exposição propõe um debate democrático, educativo e sensível sobre a pluralidade e diversidade brasileira, a Expo Diversos abre as portas em Brasília no próximo dia 25 de setembro, no Anexo do Museu Nacional da República. Será a oportunidade de brasilienses acessarem uma experiência imersiva e sensorial por obras que traduzem diferentes histórias, vivências e exaltam as diversidades de raça, etnia, crenças, idade, gênero e de pessoas com deficiência. A mostra chega a Brasília depois de passagens pelas cidades de São Paulo, Pindamonhangaba e Rio de Janeiro. A temporada na capital federal vai até 27 de outubro.

PROJETO

Jovens da periferia na arte

*O cinza das fachadas externas de muros que delimitam os limites do Centro Comunitário Zilda Arns, no Varjão, e do Espaço Viver, na Estrutural, estão ganhando cor por meio do trabalho artístico de jovens encaminhados pelo CRAS das Regiões Administrativas e em situação de vulnerabilidade social. O espaço será pintado de segunda (23) e exposto sexta-feira (27).

Novos estilistas

*O Sense Moda Criativa está com inscrições abertas para a sua terceira edição. O projeto apresenta para o mercado cinco novos designers do Distrito Federal, que desenvolvem coleções-cápsulas, criadas com mentoria de profissionais de destaque e promove um desfile final em novembro. As inscrições podem ser feitas gratuitamente pelo formulário disponível no perfil oficial do projeto: @sensemodacriativa, até 23 de setembro.

CINEMA

Curtas LGBTQIA+

*Em setembro o Cine Brasília recebe mais uma vez o Festival de curtas LGBTQIA+ Labareda. Em sua segunda edição, o evento terá a exibição de mostras competitivas e não-competitivas do Distrito Federal e premiação para os vencedores, além de atrações musicais nacionais gratuitas, rodas de conversa, DJs, competição de Drags e muito mais. O evento, que acontece nos dias 21 e 22 de setembro, será dividido em duas mostras, a Lume, de curtas não competitivos, e a Labareda, que contará com 10 curtas competindo por duas premiações, uma com júri técnico e outra com júri popular, cada uma delas dará R\$ 3.500 aos vencedores.

Cinema Urbana

*O CCBB Brasília realiza uma edição especial da mostra Cinema Urbana até o dia 26. Lançada em 2019 e com quatro edições realizadas no DF, a Mostra Internacional de Cinema de Arquitetura foi criada para dar vazão a obras que debatem estruturas sociais e dinâmicas do cotidiano urbano. Em 2024, a programação traz olhares audiovisuais para as “mulheridades”, exibindo 50 produções, divididas entre 40 curtas e 10 longas de 15 países como Costa Rica e Bélgica.

Cultura mais acessível

Palestra conscientiza sobre acesso da arte à comunidade PCD

Por Mayariane Castro

Setembro não é conhecido apenas como mês da conscientização sobre saúde mental, popularmente chamado de setembro amarelo, mas também é mês da inclusão social da pessoa com deficiência e também mês da visibilidade surda.

Diante dos debates sociais de inclusão, a Cia Transições trouxe para a III Mostra de Dança de Planaltina vivências e formas de aprendizado sobre a comunidade das Pessoas com Deficiência (PCD).

Consultoria

Com foco na acessibilidade e inclusão, a mostra conta com uma consultoria de acessibilidade cedida pelo Instituto



Divulgação/Mostra de Dança de Planaltina

de Promoção de Pessoas com Deficiência Visual (IPPCDV). Com a participação de Fernan-

do Rodrigues, representante do Instituto, e Felipe Costa, artista e produtor cultural PCD, ambos

realizaram uma palestra para falar sobre acessibilidade em projetos culturais.

Palestra conscientizou para a necessidade de acessibilidade na cultura

Adaptação

Com camarins adaptados e guias para auxiliar pessoas cegas durante a contextualização das apresentações, o local também possui assentos especiais para gestantes, idosos, pessoas obesas e com mobilidade reduzida.

“Além de contribuir para a geração de renda e a visibilidade de artistas negros, mulheres, PCD e LGBTQIA+, o evento vem para mostrar que a arte é feita por todos e para todos”, explica Tamara Naiz, Produtora Executiva da mostra.

Visibilidade ainda limitada

Respeito a condições especiais das pessoas precisa de atenção

Para o produtor cultural e diretor da Flyer Cia de Dança, Bruno Alves, a oficina foi a mais enriquecedora do evento diante das circunstâncias sociais atuais. “Foi uma oficina que eu entrei quieto e, conforme ela foi passando, fui me envolvendo cada vez mais porque o assunto era muito interessante. A dinâmica trazida para simular dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiências visuais foi muito significativa para mim”.

Ele ainda acrescenta que o

debate foi essencial para que ele aprendesse melhor diretamente com pessoas que precisam de medidas de acessibilidade para que possa levar novas e melhores condições a este público nos eventos que promove. Como produtor ativo no cenário cultural do Distrito Federal, Bruno explica que é primordial entender e compreender cada necessidade específica que cada deficiência exige e como essas pessoas se diferenciam dentro de um espaço amplo que é a comunidade PCD.



Divulgação/Mostra de Dança de Planaltina

Respeito e acesso às pessoas com deficiência

Editais e fomentos

Quem atua na produção cultural no Brasil e depende de editais de organizações públicas ou privadas recebeu um novo incentivo para tornar seus projetos mais acessíveis a todos. Com a publicação da Instrução Normativa nº 5, que esclarece as regras e procedimentos para

implementar ações afirmativas e medidas de acessibilidade conforme o artigo 17 da Lei Paulo Gustavo, o setor tem experimentado uma nova dinâmica.

Dúvidas

Profissionais têm buscado o Movimento Web para Todos para esclarecer dúvidas sobre a

acessibilidade dos canais digitais usados para divulgar conteúdos culturais. A norma exige que as questões de acessibilidade — arquitetônica, comunicacional e atitudinal — estejam incluídas no orçamento desde a concepção do projeto.

Lei Rouanet

Dentro dos normativos que regulamentam a Lei Rouanet, são estabelecidas exigências sobre acessibilidade para projetos culturais.

De acordo com o artigo 22, as propostas devem incluir medidas de acessibilidade, compatíveis com o projeto, sempre que possível. Os custos dessas ações devem estar no orçamento do projeto, mesmo que oriundos de recursos próprios.

Também é necessário que o material de divulgação informe sobre as medidas de acessibilidade disponíveis para os produtos culturais.

O retorno do voo do Eixinho, o Monumental

PÁGINA 5



Começa o prestigiado Festival de San Sebastián

PÁGINAS 10 A 13



Festival Convida 2024 celebra a música no DF

PÁGINA 8



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Divulgação



Um sábado verde e amarelo na Cidade do Rock

Programação inédita reúne artistas nacionais de vários gêneros em apresentações dos mais variados ritmos de nossa música



Rock in Rio 2024 segue neste segundo e último fim de semana, mas uma grande expectativa cerca a tarde/noite deste sábado (21), um dia dedicado exclusivamente a artistas nacionais e em sintonia com a diversidade de ritmos e gêneros que temos na música brasileira. A iniciativa é inédita nesses 40 anos de festival e seus números são grandiosos. Os palcos Mundo, Sunset, New Order, Global Village, Espaço Favela e Supernova vão receber artistas do pop nacional, MPB, bossa nova, samba, música de concerto, rap, trap e sertanejo.

Ao todo, serão mais de 90 atrações espalhadas por esses palcos. Os shows vão acontecer de forma simultânea. Cada palco vai mostrar suas atrações ao mesmo tempo e os artistas convidados apresentarão de três a quatro músicas durante shows agrupados por temas que terão duração aproximada de entre uma hora e meia e duas horas.

VP artístico e curador do festival, o cantor, compositor e produtor Zé Ricardo vê o Dia Brasil com muita expectativa. “Como artista, é um orgulho enorme fazer parte de um festival que coloca nossa música no centro das atenções do mundo”. **Continua nas páginas seguintes**